

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## A UTILIZAÇÃO DOS MOLÚSCULOS DURANTE O ENEOLÍTICO PORTUGUÊS.

SILVA, Carlos Tavares da; CABRITA, Mateus Gonçalves

Ano: 1966 | Número: 76

---

### Como citar este documento:

SILVA, Carlos Tavares da; CABRITA, Mateus Gonçalves, A utilização dos molúsculos durante o Eneolítico português. *Revista de Guimarães*, 76 (3-4) Jul.-Dez. 1966, p. 307-338.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# A utilização dos moluscos durante o Eneolítico português

Por CARLOS TAVARES DA SILVA  
e MATEUS GONÇALVES CABRITA

---

Propomo-nos mostrar o papel que os moluscos ocuparam durante o Eneolítico em Portugal.

AUGUSTO NOBRE foi o primeiro investigador a realizar um trabalho sobre fauna malacológica pré-histórica portuguesa, tendo feito a determinação das espécies recolhidas em Muge. Esse estudo ficou porém inédito (26). \* Seguiu-se-lhe O. DA VEIGA FERREIRA que procedeu à publicação dos moluscos, crustáceos e peixes de Moita do Sebastião (Muge) (39). Um de nós estudou a fauna malacológica exumada do Castro da Rotura (Setúbal) (30).

Além destes trabalhos que incidiram exclusivamente, ou quase, sobre moluscos de estações pré-históricas portuguesas, outros há que, ocupando-se da descoberta e do estudo de jazidas, apresentam os moluscos encontrados. Neste último caso há a notar uma certa falta de exactidão científica no que respeita à identificação das formas malacológicas, sendo de lamentar que assim aconteça. Para obstar ao inconveniente será do maior interesse que os investigadores procedam como manda o bom senso e a probidade científica, e que na impossibilidade de poderem classificar as formas com segurança as enviem a quem tenha autoridade para o fazer com rigor. Aliás esta colaboração deve-se estender aos diferentes ramos da ciência arqueológica.

---

(\*) Os números entre parêntesis referem-se à bibliografia indicada na parte final deste trabalho.

Este estudo que pretende incidir sobre os moluscos recolhidos em estações neo-eneolíticas e eneolíticas portuguesas, de modo algum poderá ser considerado definitivo, não só porque muitas estações eneolíticas portuguesas estão ainda por assinalar ou por explorar completamente, como também porque consideramos indispensável um trabalho de revisão de toda a fauna malacológica das estações já descobertas.

No capítulo I — *Estações eneolíticas com fauna malacológica* considerámos para cada estação os seguintes títulos numerados:

1. — *Localização da estação*
2. — *Moluscos*
3. — *Bibliografia ou Museu*

No capítulo II — *Fauna malacológica* considerámos para cada forma os títulos numerados:

1. — *Jazidas*
2. — *Utilização*
3. — *Condições ecológicas e zoogeográficas*

## I

### ESTAÇÕES COM FAUNA MALACOLÓGICA

#### 1 *Agualva. Monumento funerário (Cacém).*

1 — Agualva, concelho de Sintra, distrito de Lisboa. É um túmulo de falsa cúpula.

2 — \* *Pecten maximus* (uma concha) e uma conta pequena feita de uma concha.

3 — VEIGA FERREIRA (O. DA). 1953.

---

(\*) A ordenação e a nomenclatura das diferentes formas malacológicas citadas neste capítulo são feitas segundo a respectiva bibliografia.

2 *Alapraia. Necrópole (Cascais).*

1 — Alapraia, concelho de Cascais, distrito de Lisboa. Necrópole formada por 4 grutas.

2 — A gruta II deu: *Cardium norvegicum*, *Glycimeris glycimeris*, *Mytilus edulis*. *M. galloprovincialis*, *Patella athletica*, *P. coerulea*, *P. lusitanica*, *P. vulgata*, *Pecten maximus*, *Triton nodiferus*, *Trochocochlea colubrina*, *T. lineata* e *Venus verrucosa*.

3 — PAÇO (A. DO). 1955.

3 *Alcarapinha. Monumento sepulcral (Elvas).*

1 — Monumento sepulcral da região de Elvas.

2 — *Cardium*, *Testacella mangei* e *Neritina fluviatilis*.

3 — VIANA (A.), DIAS DE DEUS (A.). 1956-57.

4 *Bela Vista. Monumento sepulcral (Colares).*

1 — Colares, vertente norte da Serra de Sintra, concelho de Sintra, distrito de Lisboa.

2 — A camada campaniforme deu: *Trochocochlea colubrina*, *Patella lusitanica*, *P. vulgata*, *Acmaea* sp., *Mytilus edulis*, *Cardium norvegicum*. Os autores notaram «talvez, nalguns casos, o emprego do *Cardium*» em alguma da cerâmica campaniforme.

3 — PEREIRA DE MELLO (O. A.), VASCO FORTUNA, CAMARATE FRANÇA (J.), VEIGA FERREIRA (O. DA), ROCHE (J.). 1961.

5 *Buço Preto. Túmulo n.º 7 (Caldas de Monchique).*

1 — Caldas de Monchique, concelho de Monchique, distrito de Faro.

2 — «Una pequeña cuenta de concha de marisco».

3 — VIANA (A.), VEIGA FERREIRA (O. DA), FORMOSINHO (J.). 1950.

6 *Bugalbeira. Gruta (Almonda).*

1 — Almonda, freguesia da Zibreira, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém.

2 — *Pecten maximus* e *Glycymeris* sp.

3 — Museu de Antropologia dos Serviços Geológicos de Portugal.

7 *Cabeço da Arruda. Necrópole (Torres Vedras).*

1 — Casais da Arruda, freguesia de Freiria, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — Valva de *Pecten maximus* muito gasta de um dos lados e tinta por corante.

3 — TRINDADE (L.), VEIGA FERREIRA (O. DA). 1955.

8 *Carrasca. Abrigo (Torres Vedras).*

1 — Abrigo de grandes dimensões da freguesia de Matacães, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — Uma argola feita em concha de *Glycymeris* e uma concha furada de *Glycymeris glycymeris*.

3 — VEIGA FERREIRA (O. DA). 1965.

9 *Casainhos. Monumento funerário (Fanhões).*

1 — Casainhos, freguesia de Fanhões, concelho de Loures, distrito de Lisboa.

2 — Fragmento de uma valva de *Pecten* sp.

3 — Museu de Antropologia dos Serviços Geológicos de Portugal.

10 *Casal do Pardo. Grutas artificiais (Palmela).*

1 — Casal do Pardo, freguesia da Quinta do Anjo, concelho de Palmela, distrito de Setúbal.

2 — *Helix* (1 concha perfurada), *Cypraea* (4 cochas perfuradas), *Cerithium* (1 exemplar perfurado), *Dentalium* (1 concha também utilizada como pingente) e 3 botões feitos em conchas de espécies não determinadas, perfurados verticalmente (gruta I). Recolheram-se ainda *Pecten maximus* (com desgaste lateral, tendo servido para raspar), *Chlamys varia* (1 valva), *Cardium edule* e *Tapes decussatus*.

3 — LEISNER (V.), ZBYSZEWSKI (G.), VEIGA FERREIRA (O. DA). 1961.

11 *Casal do Penedo. Dolmen (Verdelha dos Ruivos).*

1 — Casal do Penedo, freguesia de Vila Longa, concelho de Sátão, distrito de Viseu.

2 — *Tapes decussatus* (abundante), *Ostrea* sp. (duas valvas), *Pecten* sp. (uma valva) e a «concha de um búzio grande».

3 — VAULTIER (M.), ZBYSZEWSKI (G.). 1951.

12 *Chibanes. Castro (Palmela).*

1 — Serra do Louro, concelho de Palmela, distrito de Setúbal.

2 — *Mytilus edulis*, *Tapes decussatus*, *Solen*, etc.

3 — MARQUES DA COSTA (A. I.). 1904.

13 *Comenda (Setúbal).*

1 — Monte do Vaqueiro (Comenda), concelho e distrito de Setúbal.

2 — *Solen vagina*, *Cardium edule*, *Pholas dactylus* e outras espécies não identificadas.

3. — MARQUES DA COSTA (A. I.). 1904.

14 *Cova da Moura. Gruta natural (Torres Vedras).*

1 — Margem esquerda do Sizandro, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — *Cassis saburon* (3 conchas furadas), *Purpura haemastoma* (2 conchas furadas), *Venus verrucosa* (uma valva utilizada como «minúsculo vaso feito por meio de desgaste e corte na periferia da concha e desgaste por fricção do dorso da concha de forma a surgir uma superfície lisa e plana para servir de base»), *Pecten maximus* (valva direita que serviu de depósito de corante), *Glycymeris* sp. (6 conchas, algumas polidas e afeiçoadas que teriam servido de recipientes), *Macra* sp. (uma concha

destinada também a servir de recipiente), *Cardium edule* (uma valva utilizada como recipiente) e *Cardium echinatum* (dezenas de rodela feitas de conchas desta espécie que deveriam ter servido de instrumentos de troca e permuta ou de contagem durante as transacções de uns povos com outros).

3 — BELO (R.), TRINDADE (L.), VEIGA FERREIRA (O. DA). 1961.

15 *Ervideira. Gruta (Carvalhal de Aljubarrota).*

1 — Uma das grutas de Carvalhal de Aljubarrota, concelho de Alcobaça, distrito de Leiria.

2 — *Solen vagina*, *Mytilus edulis*, *Tapes decussatus*, *Ostrea edulis*, *Cardium rusticum*, *Pecten maximus*, *Pectunculus pilosus* (= *Glycymeris glycymeris*), *Cassis saburon* e *Patella vulgata*.

3 — DELGADO (N.). 1900-1901.

16 *Escoural. Gruta (Montemor-o-Novo).*

1 — Freguesia do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, distrito de Évora.

2 — *Pecten maximus* (2 valvas).

3 — Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.

17 *Eira Pedrinha. Abrigo (Condeixa).*

1 — Eira Pedrinha, concelho de Condeixa, distrito de Coimbra.

2 — *Cypraea europaea* (1 concha perfurada); cerâmica cardial.

3 — TEIXEIRA (C.), 1949.

18 *Folha da Amendoeira. Monumento funerário (Odivelas do Alentejo).*

1 — Folha da Amendoeira, herdade do Monte do Outeiro, freguesia de Odivelas, concelho de Ferreira do Alentejo, distrito de Beja.

2 — *Cypraea* (2 conchas perfuradas — «objectos de adorno»).

3 — VIANA (A.). 1953.

19 *Fórnea. Castro (Torres Vedras).*

1 — Fórnea, freguesia de Matacães, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — *Cardium norvegicum*, *Tapes decussatus*, *Pecten maximus* e *Glycymeris glycymeris*.

3 — VEIGA FERREIRA (O. DA). 1965.

20 *Forno da Cal (Soure).*

1 — Vinha da Rainha, concelho de Soure, distrito de Coimbra.

2 — *Cardium edule*, *Tapes decussatus*, *Scrobicularia piperata*, *Ostrea edulis* e *Solen* (abundante).

3 — SANTOS ROCHA (A.). 1908.

21 *Furadouro. Gruta I (Serra de Montejunto).*

1 — Vale do Furadouro, Serra de Montejunto, freguesia e concelho de Cadaval, distrito de Lisboa.

2 — Deu moluscos de espécies indeterminadas.

3 — APOLINÁRIO (M.). 1897.

22 *Galapos 1 (Setúbal).*

1 — Zona ocidental da praia de Galapos, concelho e distrito de Setúbal.

2 — Grande quantidade de conchas de moluscos de várias espécies indeterminadas.

3 — MARQUES DA COSTA (A. I.). 1904.

23 *Galapos 2 (Setúbal).*

1 — Zona oriental da praia de Galapos, concelho e distrito de Setúbal.

2 — *Mytilus edulis* (abundante), *Tapes decussatus*, *Patella* sp. e *Trochocochlea lineata*.

3 — TAVARES DA SILVA (C.). 1965.

**24** *Lapa do Fumo (Sesimbra).*

1 — Lapa do Fumo, concelho de Sesimbra, distrito de Setúbal.

2 — *Patella* sp., *Mytilus* sp. e *Pecten* sp.

3 — CUNHA SERRÃO (E. DA). 1959.

**25** *Lapa da Madeira — Pedrógão (Serra de Aire).*

1 — Gruta da Serra de Aire, freguesia de Pedrógão, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém.

2 — Bracelete feito de uma concha de *Glycimeris glycimeris*.

3 — VEIGA FERREIRA (O. DA). 1963.

**26** *Lapa da Rotura (Setúbal).*

1 — Junto ao Castro da Rotura, Serra de S. Luís, distrito de Setúbal.

2 — Espécies não identificadas.

3 — MARQUES DA COSTA (A. I.). 1904.

**27** *Lapa do Suão (Columbeira).*

1 — Columbeira, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — *Glycimeris* sp. (muitas conchas trabalhadas, servindo de contas de colar).

3 — TRINDADE (L.), VEIGA FERREIRA (O. DA). 1963.

**28** *Lapa de S. Luís (Setúbal).*

1 — Serra de S. Luís, distrito de Setúbal.

2 — Diversas espécies não identificadas.

3 — MARQUES DA COSTA (A. I.). 1904.

29 *Liceia (Barcarena)*.

1 — Liceia, freguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, distrito de Lisboa.

2 — *Triton cutaceus*, *Triton* sp., *Nassa reticulata*, *Patella athletica*, *Emarginula depressa*, *E. emarginata*, *Tapes decussata*, *Cardium loevigatum*, *Mytilus edulis*, *Ostrea* sp., *Unio* sp. e *Pecten* sp.

3 — RIBEIRO (C.). 1878 e 1880. Cf. também FONTES (J.). 1955.

30 *Mamoá de Carreço (Viana do Castelo)*.

1 — Mamoá dos arredores de Carreço, concelho de Viana do Castelo, distrito de Viana do Castelo.

2 — *Trochocochlea colubrina* (4 conchas), *Purpura lapillus* (1 concha), *Littorina littorea* (4 conchas), *Patella vulgata* (9 conchas), *P. athletica* (6 conchas) e *Mytilus edulis* (rara).

3 — Museu de Antropologia dos Serviços Geológicos de Portugal — colecção Abel Viana.

31 *Montes Claros. Povoado (Lisboa)*.

1 — Montes Claros, parque de Monsanto, concelho e distrito de Lisboa.

2 — Restos abundantes de moluscos não identificados.

3 — JALHAY (E.) PAÇO (A. DO) e RIBEIRO (L.). 1944.

32 *Murteira (Serra da Arrábida)*.

1 — Casal da Murteira, Serra da Arrábida, distrito de Serúbal.

2 — Moluscos não identificados.

3 — MARQUES DA COSTA (A.I.). 1904.

33 *Olelas. Castro (Sintra)*.

1 — Olelas, freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra, distrito de Lisboa.

2 — *Tapes*.

3 — CUNHA SERRÃO (E. DA) e PRESCOTT VICENTE (E.). 1958.

**34** *Outão (Setúbal).*

- 1 — Serra do Outão, concelho e distrito de Setúbal.
- 2 — Moluscos não identificados.
- 3 — MARQUES DA COSTA (A. I.) 1904.

**35** *Outeiro da Assenta. Castro (Óbidos).*

- 1 — Outeiro da Assenta, concelho de Óbidos, distrito de Leiria.
- 2 — *Glycimeris* (diversos exemplares, um deles perfurado no vértice), *Tapes decussatus*, *Patella*, *Cardium* e *Ostrea edulis* (abundante).
- 3 — ALVES PEREIRA (F.). 1914 e 1915.

**36** *Parede. Povoado (Cascais).*

- 1 — Parede, concelho de Cascais, distrito de Lisboa.
- 2 — *Triton*, *Ranella*, *Trochus*, *Trochocochlea* (bastantes exemplares), *Purpura*, *Patella* (abundante), *Pecten*, *Tapes* e *Mytilus* (abundante).
- 3 — CUNHA SERRÃO (E. DA) e PRESCOTT VICENTE (E.). 1958. Cf. também PAÇO (A. DO), CUNHA SERRÃO (E. DA) e PRESCOTT VICENTE (E.). 1957.

**37** *Pedrão. Povoado (Setúbal).*

- 1 — Serra de S. Luis, distrito de Setúbal.
- 2 — *Patella* sp., *Trochocochlea lineata*, *Triton nodiferus*, *Mytilus edulis*, *Pecten maximus*, *Ostrea* sp., *Cardium edule*, *Cardium norvegicum*, *Venus verrucosa*, *Tapes decussatus*, *Solen marginatus* e *Helix* sp.
- 3 — TAVARES DA SILVA (C.) e GONÇALVES CABRITA (M.). 1965.

**38** *Penha Verde. Povoado (Sintra).*

- 1 — Serra de Sintra, perto da capela de D. João de Castro, distrito de Lisboa.

2 — *Pecten maximus*, *Tapes decussatus* e *Helix* sp.  
Há vestígios, na cerâmica, de ornamentação feita com o *Cardium*.

3 — ZBYSZEWSKI (G.) e VEIGA FERREIRA (O. DA). 1958.

**39** *Pernes. Gruta artificial (Santarém).*

1 — Freguesia de Pernes, concelho de Santarém, distrito de Santarém.

2 — *Helix pomatia*.

3 — VEIGA FERREIRA (O. DA). 1965.

**40** *Poço Velho. Grutas (Cascais).*

1 — Grutas naturais, sepulcrais, dos arredores de Cascais, concelho de Cascais, distrito de Lisboa.

2 — *Dentalium*, *Cypraea europaea*, *Conus* sp. (conchas utilizadas como contas de colar) e *Ranella scrobiculata*, *Triton nodiferus*, *Patela lusitanica*, *Cardium edule*, *Patela athlética*, *Helix aspersa*, *Monodonta lineata* (= *Trochocochlea lineata*), *Mytilus edulis*, *Pecten maximus*, *Ostea edulis*, *Purpura haemastoma*, etc., etc...

3 — PAÇO (A. DO). 1941. Cf. também PAÇO (A. DO), BARTHOLO (M DE L.) e BRANDÃO (A.). 1959.

**41** *Ponte da Lage. Gruta (Oeiras).*

1 — Gruta natural da região de Oeiras, distrito de Lisboa.

2 — *Pecten maximus*, *Mytilus galloprovincialis* e *Helix nemoralis* (abundante).

3 — VAULTIER (M.), ROCHE (J.) e VEIGA FERREIRA (O. DA). 1959.

**42** *Porto Covo. Gruta (Serra de Sintra).*

1 — Vertente meridional da Serra de Sintra, distrito de Lisboa.

2 — *Purpura haemastoma*, *Cassis saburon* e *Cardium* sp.

3 — PAÇO (A. DO) e VAULTIER (M.). 1942.

43 *Rotura. Castro (Setúbal).*

1 — Casal da Rotura, Serra de S. Luis, distrito de Setúbal.

2 — *Patella vulgata* (abundante), *P. athletica* (abundante), *P. lusitanica* (abundante), *Trochocochlea lineata*, *Cerithium vulgatum*, *Cassis saburon*, *Triton nodiferus*, *Murex brandaris*, *Murex trunculus*, *Nassa reticulata*, *Helix pisana*, *Rumina decollata*, *Glycimeris glycimeris* (valva perfurada no vértice), *Mytilus edulis* (abundante), *M. galloprovincialis* (?), *Pecten maximus* (uma das valvas desta espécie apareceu desgastada num dos lados), *Chlamys varia*, *Cardium edule* (abundante), *Cardium norvegicum*, *Meretrix chione*, *Venus verrucosa*, *Tapes decussatus* (a espécie mais abundante), *Solen marginatus* (abundante), *Pholas dactylus*.

3 — TAVARES DA SILVA (C.). 1963.

44 *Samarra. Jazida funerária (Sintra).*

1 — Junto à praia de Samarra, concelho de Sintra, distrito de Lisboa.

2 — *Harpax* (= *Plicatula*) (1 concha perfurada), *Mytilus* sp., *Patella* sp. e *Gibbula* sp.

3 — CÂMARATE FRANÇA (J.) e VEIGA FERREIRA (O. DA). 1958.

45 *Serra da Vila. Sepultura (Torres Vedras).*

1 — Arredores do castro do Zambujal, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — *Glycimeris* sp. (valva perfurada no vértice — elemento de colar).

3 — TRINDADE (L.) e VEIGA FERREIRA (O. DA). 1963.

46 *Sobreira. Anta (Elvas).*

1 — Anta n.º 1 da Sobreira, concelho de Elvas, distrito de Portalegre.

2 — «Conchinha de *Testacella mangei*» (?).

3 — VIANA (A.) e DIAS DE DEUS (A.). 1956-57.

47 *Vila Nova de S. Pedro. Castro (Azambuja).*

1 — Freguesia de Vila Nova de S. Pedro, concelho de Azambuja, distrito de Lisboa.

2 — *Cardium edule* (concha perfurada — elemento de colar), *Glycimeris glycimeris*, *Patella*, *Pecten maximus*, *Mytilus edulis*, *Tapes decussatus*.

3 — PAÇO (A. DO) e JALHAY (E.). 1943. Cf. também PAÇO (A. DO) e COSTA ARTHUR (M. L.). 1952.

48 *Vila Pouca (Lisboa).*

1 — Vila Pouca, Vale de Alcântara, concelho e distrito de Lisboa.

2 — A série estratigráfica n.º 6 (eneolítica) deu: *Ostrea edulis*, *Anomia ephippium*, *Venus verrucosa*, *Pecten maximus* e *Patella coerulaea*.

3 — ROCHE (J). VEIGA FERREIRA (O. DA) e ZBYSEWSKI (G.). 1959.

49 *Zambujal. Castro (Torres Vedras).*

1 — Casal do Zambujal, freguesia de Santa Maria, concelho de Torres Vedras, distrito de Lisboa.

2 — *Pecten maximus*, *Cardium echinatum*, *Cardium norvegicum*, *Ostrea edulis*, *Tapes decussatus*, *Glycimeris glycimeris*, *Ptella* sp., *Cypraea europaea* (Conta de colar), *Cassis saburon*.

3 — PAÇO (A. DO), LEISNER (V.), TRINDADE (L.), SHUBART (H.) e VEIGA FERREIRA (O. DA) 1964.

## II

## FAUNA MALACOLÓGICA

## LAMELIBRÂNQUIOS

*Glycymeris glycymeris* LINNÉ

1 — Alapráia — 2, (\*) Carrasca — 8, Gruta da Ervideira — 15 (= *Pectunculus pilosus*), Fórnea — 19, Lapa da Madeira — 25 (raro), Rotura — 43, (raro), Vila Nova de S. Pedro — 47, Zambujal — 49

2 — Pingente e bracelete.

3 — Surge junto à costa portuguesa, em toda a sua extensão.

*Glycymeris* sp.

1 — Gruta da Bugalheira — 6, Carrasca — 8, Cova da Moura — 14, Lapa do Suão — 27, Outeiro da Assenta — 35, sepultura da Serra da Vila — 45.

2 — Recipiente, lucerna (?), pingente e argola.

*Mytilus edulis* LINNÉ

1 — Alapráia — 2, Bela Vista — 4, Chibanes — 12, Gruta da Ervideira — 15, Galapos 2 — 23, Liceia — 29, Mamoa de Carreço — 30, Pedrão — 37, Poço Velho — 40, Rotura — 43 (abundante), Vila Nova de S. Pedro — 47.

2 — Alimentação.

3 — Muito comum em todo o litoral português, fixa aos rochedos ou a objectos submersos.

*Mytilus galloprovincialis* LAMARCK

1 — Alapráia — 2, Ponte da Lage — 41, Rotura — 43(?)

2 — Alimentação.

---

(\*) Os números em tipo itálico desta II Parte referem-se, para maior facilidade de consulta, à numeração dada na I Parte a cada uma das jazidas.

3 — Considerada por muitos autores como variedade da *M. edulis*. Surge frequentemente com esta espécie, especialmente no sul do país.

*Mytilus* sp.

1 — Lapa do Fumo — 24, Parede — 36, (abundante), Samarra — 44.

2 — Alimentação.

*Chlamys varia* LINNÉ

1 — Grutas artificiais do Casal do Pardo — 10 (rara), Rotura — 43 (rara).

3 — Comum em toda a costa ocidental portuguesa, fixa aos rochedos, a pequenas profundidades.

*Pecten maximus* (LINNÉ)

1 — Agualva — 1, Alapráia — 2, Gruta da Bugalheira — 6, Cabeço da Arruda — 7, grutas artificiais do Casal do Pardo — 10, Cova da Moura — 14, Gruta da Ervideira — 15, Escoural — 16, Fórnea — 19, Pedrão — 37, Penha Verde — 38, Poço Velho — 40, Gruta da Ponte da Lage — 41, Rotura — 43, Vila Nova de S. Pedro — 47, Vila Pouca — 48, Zambujal — 49.

2 — Raspador; recipiente de corante; alimentação.

3 — Aparece rolada na praia ou nos fundos próximos da costa, em todo o litoral português.

*Pecten* sp.

1 — Casainhos — 9, dolmen do Casal do Penedo — 11, Lapa do Fumo — 24, Liceia — 29, Parede — 36.

2 — Alimentação (?).

*Plicatula* sp.

1 — Samarra — 44 (= *Harpax*).

2 — Elemento de colar (?).

*Anomia ephippium* LINNÉ

1 — Vila Pouca — 48.

3 — Comum em toda a costa sul de Portugal, Espinho, etc.

*Ostrea edulis* LINNÉ

1 — Gruta da Ervideira — 15, Forno da Cal — 20, Outeiro da Assenta — 35 (abundante), Poço Velho — 40, Vila Pouca — 48, Zambujal — 49.

2 — Alimentação.

3 — Surge em bancos litorais, de Aveiro para o sul.

*Ostrea* sp.

1 — Dolmen do Casal do Penedo — 11, Liceia — 29, Pedrão — 37.

2 — Alimentação.

*Unio* sp.

1 — Liceia — 29.

*Cardium echinatum* LINNÉ

1 — Cova da Moura — 14 (abundante), Zambujal — 49.

2 — Moeda (?).

3 — Vive ao largo de toda a costa portuguesa. Aparece rolada nas praias.

*Cardium rusticum* LINNÉ

1 — Gruta da Ervideira — 15.

3 — Comum na costa portuguesa. É colhida pelas redes de pesca e surge rolada nas praias.

*Cardium edule* LINNÉ

1 — Grutas do Casal do Pardo — 10, Comenda — 13, Cova da Moura — 14, Forno da Cal — 20, Pedrão — 37, Poço Velho — 40, Rotura — 43 (abundante), Vila Nova de S. Pedro — 47.

2 — Alimentação; recipiente; elemento de colar.

3 — Muito comum em todas as águas salobras, junto das barras dos rios, nas lagoas, rias e estuários.

*Cardium* sp.

1 — Alcarapinha — 3, Liceia — 29, Outeiro da Assenta — 35, Porto Covo — 42.

*Laevicardium norvegicum* (SPENGLER) (= *Cardium norvegicum* SPENGLER)

1 — Alapráia — 2, Bela-Vista — 4, Fórnea — 19, Pedrão — 37, Rotura — 43, Zambujal — 49.

2 — Alimentação.

3 — Muito comum nos fundos arenosos da costa portuguesa. É recolhida pelas redes dos pescadores e surge tolada nas praias.

*Venus verrucosa* LINNÉ

1 — Alapraia — 2, Cova da Moura — 14, Pedrão — 37, Rotura — 43, Vila Pouca — 48.

2 — Alimentação; recipiente.

3 — É vulgar em todo o litoral do sul do país.

*Meretrix chione* (LINNÉ)

1 — Rotura — 43.

3 — Não tem aparecido no norte do país. Surge no sul, onde é colhida pelas redes de pesca.

*Tapes decussatus* (LINNÉ)

1 — Grutas do Casal do Pardo — 10, dolmen do Casal do Penedo — 11 (abundante), Chibanes — 12, gruta da Ervideira — 15, Fornea — 19, Forno da Cal — 20, Galapos 2 — 23, Liccia — 29, Outeiro da Assenta — 35, Pedrão — 37, Penha Verde — 38, Rotura — 43 (muito abundante), Vila Nova de S. Pedro — 47, Zambujal — 49.

2 — Alimentação.

3 — Muito abundante em alguns pontos do litoral português, como Lisboa e Setúbal. Menos frequente no norte.

*Tapes* sp.

1 — Olelas — 33, Parede — 36.

2 — Alimentação.

*Scrobicularia piperata* GMELIN

1 — Forno da Cal — 20.

3 — Surge em todo o litoral português (estuários, lagoas e rias).

*Solen vagina* LINNÉ (= *Solen marginatus*)

1 — Comenda — 13, gruta da Ervideira — 15, Pedrão — 37, Rotura — 43 (abundante).

2 — Alimentação.

3 — Muito vulgar no litoral português. É apanhada durante a baixa-mar.

*Solen* sp.

1 — Chibanes — 12, Forno da Cal — 20 (abundante).

2 — Alimentação.

*Mactra* sp.

1 — Cova da Moura — 14 (rara).

2 — Recipiente.

*Pholas dactylus* LINNÉ

- 1 — Comenda — 13, Rotura — 43.
- 2 — Alimentação.
- 3 — Vive em cavidades abertas nas rochas do litoral português.

## GASTERÓPODOS

*Patella vulgata* LINNÉ

- 1 — Alapraia — 2, Bela vista — 4, gruta da Ervideira — 15, Mamoá de Carreço — 30, Rotura — 43 (abundante).
- 2 — Alimentação.
- 3 — Muito abundante sobre os rochedos de todo o litoral português, principalmente nos da costa ocidental.

*Patella athletica* BEAN

- 1 — Alapraia — 2, Liceia — 29, Mamoá de Carreço — 30, Poço Velho — 40, Rotura — 43 (abundante).
- 2 — Alimentação.
- 3 — Muito comum sobre os rochedos de todo o litoral português.

*Patella coerulaea* LINNÉ

- 1 — Alapraia — 2, Vila Pouca — 48.
- 2 — Alimentação.
- 3 — Forma típica do Mediterrâneo, muito comum nos Açores e na Madeira.

*Patella lusitanica* GMELLIN

- 1 — Alapraia — 2, Bela Vista — 4, Poço Velho — 40, Rotura — 43 (abundante).
- 2 — Alimentação.
- 3 — Comum sobre os rochedos do litoral português.

*Patella* sp.

1 — Galapos 2 — 23, Lapa do Fumo — 24, Outeiro da Assenta — 35, Parede — 36, Pedrão — 37, Samarra — 44, Vila Nova de S. Pedro — 47, Zambujal — 49.

2 — Alimentação.

*Acmaea* sp.

1 — Bela Vista — 4.

*Emarginula* sp.

1 — Liceia — 29 (referidas duas formas sob os nomes *E. emarginata* e *E. depressa*).

*Trochus* sp.

1 — Parede — 36.

2 — Alimentação (?).

*Trochocochlea lineata* (DA COSTA)

1 — Alapraia — 2, Galapos 2 — 23, Pedrão — 37, Poço Velho — 40 (= *Monodonta lineata*), Rotura — 43.

2 — Alimentação.

3 — Muito comum sobre os rochedos do litoral português.

*Trochocochlea colubrina* (GOULD)

1 — Alapraia — 2, Bela Vista — 4, Mamoá de Carreço — 30.

2 — Alimentação.

*Trochocochlea* sp.

1 — Parede — 36 (abundante).

2 — Alimentação.

*Gibbula* sp.

1 — Samarra — 44.

*Neritina fluviatilis*

1 — Alcarapinha — 3.

3 — Molusco de água doce. Tem aparecido em locais do norte, centro e sul do país.

*Littorina littorea* (LINNÉ)

1 — Mamoá de Carreço — 30.

3 — Comum no litoral português, principalmente nos pontos onde há mistura de água salgada com água doce.

*Cerithium vulgatum* BRUGUIÈRE

1 — Rotura — 43.

3 — As suas conchas aparecem em muitos pontos da costa portuguesa, sobretudo em condições de rolamento.

*Cerithium* sp.

1 — Grutas artificiais do Casal do Pardo — 10 (rara).

2 — Pingente.

*Cypraea europaea* MONTAGU

1 — Eira Pedrinha — 17 (rara), Poço Velho — 40, Zambujal — 49.

2 — Conta de colar.

3 — Vive na costa portuguesa, a pequenas profundidades, sobre as algas.

*Cypraea* sp.

1 — Grutas artificiais do Casal do Pardo — 10 (pouco abundante) e Folha da Amendoeira — 18 (rara).

2 — Contas de colar.

*Triton nodiferus* LAMARK

- 1 — Alapraia — 2, Pedrão — 37, Poço Velho — 40, Rotura — 43.  
 2 — Alimentação.  
 3 — Vulgar. É colhida ao largo pelas redes de pesca.

*Triton cutaceus* LINNÉ

- 1 — Liceia — 29.  
 3 — Pouco vulgar no nosso país, surgindo rolada sobre as praias. Vive a pequenas profundidades.

*Triton* sp.

- 1 — Liceia — 29, Parede — 36.

*Ranella scrobiculator* (LINNÉ)

- 1 — Poço Velho — 40.  
 3 — Surge na costa meridional portuguesa.

*Ranella* sp.

- 1 — Parede — 36.

*Cassis saburon* (BRUGUIÉRE)

- 1 — Cova da Moura — 14 (rara), gruta da Ervideira — 15, gruta de Porto Covo — 42, Rotura — 43, Zambujal — 49.  
 2 — Pingente.  
 3 — Comum nos fundos próximos da costa portuguesa.

*Nassa reticulata* (LINNÉ)

- 1 — Liceia — 29, Rotura — 43.  
 2 — Alimentação (?).  
 3 — Vulgar sobre os rochedos do litoral português.

*Murex brandaris* LINNÉ

- 1 — Rotura — 43.
- 2 — Alimentação (?); extracção da púrpura (?).
- 3 — Vulgar no litoral português.

*Murex trunculus* LINNÉ

- 1 — Rotura — 43.
- 2 — Alimentação e extracção da púrpura (?).
- 3 — Comum no litoral sul português, a partir de Setúbal.

*Purpura haemastoma* (LINNÉ)

- 1 — Cova da Moura — 14 (rara), Poço Velho — 40, Porto Covo — 42.
- 2 — Objecto de adorno e extracção da púrpura.
- 3 — Vulgar do Tejo para o sul, principalmente no Algarve, sobre os rochedos do litoral. Não vive no norte do país.

*Purpura lapillus* (LINNÉ)

- 1 — Mamoa de Carreço — 30 (rara).
- 2 — Extracção da púrpura (?).
- 3 — Existe nas costas ocidental e meridional, sobre os rochedos e as algas da zona litoral.

*Purpura* sp.

- 1 — Parede — 36.

*Conus* sp.

- 1 — Poço Velho — 40.
- 2 — Contas de colar.

*Helix pisana* MÜLLER

- 1 — Rotura — 43.
- 3 — Molusco terrestre. Surge em todo o país.

*Helix nemoralis* LINNÉ

- 1 — Gruta da Ponte da Lage — 41 (abundante).
- 2 — Alimentação.
- 3 — Molusco terrestre. Surge em todo o país.

*Helix aspersa* MÜLLER

- 1 — Poço Velho — 40.
- 3 — Molusco terrestre. Comum em todo o país. |

*Helix* sp.

- 1 — Grutas artificiais do Casal do Pardo — 10 (rara),  
Pedrão — 37, Penha Verde — 38.
- 2 — Alimentação; conta de colar.

*Rumina decollata* (LINNÉ)

- 1 — Rotura — 43.
- 3 — Molusco terrestre. Comum no centro e sul do país.

## ESCAFÓPODOS

*Dentalium* sp.

- 1 — Casal do Pardo — 10 (rara), Poço Velho — 40.
- 2 — Pingente.

## III

## OS MOLUSCOS DURANTE O ENEOLÍTICO EM PORTUGAL

## 1. UTILIZAÇÃO

1. 1. *Alimentação.* — Foi na alimentação que os moluscos tiveram a sua maior aplicação durante o Eneolítico em Portugal.

É oportuno fazer referência a algumas propriedades nutritivas que os moluscos apresentam para o homem.

Quase todas as espécies malacológicas são comestíveis. O seu alto valor nutritivo é atestado pelo considerável consumo que nos nossos dias se faz de determinadas formas como *Ostrea* sp., *Mytilus edulis*, *Tapes decussatus*, *Cardium edule*, *Donax trunculus*, *Solen vagina* e *Murex trunculus*.

Como escreve BAPTISTA FREIRE (9) «A composição química da carne dos moluscos não difere da do pescado. Em média, a percentagem de gordura é inferior, mas, em compensação, a riqueza em elementos biogénéticos verifica-se superior, deles fazendo parte essencialmente o cálcio, o cobre, o fósforo, o ferro, o magnésio, o iodo, e em tal quantidade que os moluscos são dos melhores elementos catalisadores (BERTOLINI) (Segundo RAUDOIN, a ostra contém, em gramas, por Kgr.: 1,55 de Ph; 0,52 de Ca; 0,91 de Mg; 0,045 de Fe; 0,0013 de I; 0,096 de Cu; etc. Nenhum outro alimento possui estes elementos em tão grande quantidade, a não ser em fósforo e em ferro, respectivamente o ovo e os legumes secos).

«Como todos os alimentos ricos em iodo, e os moluscos possuem-o em tal quantidade que BURGET considera-os como *adjuvantes da terapêutica iódica*, as espécies malacológicas são alimentos bastante vitaminados.

«As vitaminas A, B e C existem em grande quantidade nos moluscos, em especial na ostra, na ameijoia e nos Cefalópodes, sendo registada a maior percentagem no *Cardium edule* L. (berbigão).

«É tão elevada nos mariscos a percentagem de vitaminas, *que estes podem substituir em caso de necessidade os*

*vegetais frescos e em determinados sítios e ocasiões têm-se empregado com efeito como anti-escorbúticos (GIMENEZ).*

«Ainda que faltem trabalhos permitindo fazer um estudo completo sobre o valor da proteína dos músculos destes animais, parece não haver quaisquer diferenças entre os amino-ácidos que a compõem e os de qualquer outra carne.

«A percentagem de substância azotada não proteica é, nos moluscos, elevadíssima; por esta razão são estimulantes do apetite.

«Dum modo geral os moluscos digerem-se com facilidade, mas a ostra e seguidamente a ameijoia, são os mais digeríveis».

Nas estações encolíticas portuguesas as espécies malacológicas que, tendo sido empregadas na alimentação, surgiram em maior abundância foram *Tapes decussatus*, *Cardium edule*, *Mytilus edulis* e *Solen vagina*.

1. 2. *Adornos.* — Surgiram elementos de colar (pingentes) feitos em conchas (que para o efeito foram perfuradas) pertencentes aos seguintes moluscos: *Glycymeris glycymeris* (Carrasca e Rotura), *Glycymeris* sp. (Lapa do Suão, Outeiro da Assenta e Serra da Vila), *Plicatula* sp. (Samarra), *Cardium edule* (Castro de Vila Nova de S. Pedro), *Cerythium* sp. (grutas artificiais do Casal do Pardo), *Cypraea europaea* (grutas do Poço Velho, Eira Pedrinha e castro do Zambujal), *Cypraea* sp. (grutas artificiais do Casal do Pardo e monumento da Folha da Amendoeira), *Cassis saburon* (gruta da Cova da Moura), *Purpura haemastoma* (gruta da Cova da Moura), *Conus* sp. (grutas do Poço Velho), *Helis* sp. (grutas do casal do Pardo), *Dentalium* sp. (grutas do Casal do Pardo e grutas do Poço Velho).

Da Lapa da Madeira (Serra de Aire) foi exumado um bracelete feito da concha de um *Glycymeris glycymeris*. Encontram-se braceletes deste tipo nas grandes tumbas megalíticas da região de Almeria.

Carrasca (Torres Vedras) deu também uma argola feita de um *Glycymeris* sp.

Surgiram botões feitos de conchas de moluscos indeterminados nas grutas artificiais do Casal do Pardo (Palmela).

1. 3. *Recipientes*. — Na gruta da Cova da Moura apareceu «um minúsculo vaso feito de uma concha de *Venus verrucosa* por meio de desgaste e corte na periferia da concha. Como o dorso é abaulado nesta espécie, os homens daquela época desgastaram por meio de fricção todo o dorso da concha de forma a arranjarem uma superfície lisa e plana para servir de base. Abertura 24 mm.; altura 8 mm.» (3).

Da mesma estação provieram conchas de *Glycymeris* sp., *Pecten maximus* (depósito de corante), *Cardium edule* e *Maetra* sp. que teriam sido utilizadas como recipientes.

Uma concha de *Pecten maximus* foi também recolhida na necrópole do Cabeço da Arruda, tendo sido utilizada igualmente como depósito de corante.

1. 4. *Ornamentação da cerâmica*. — Apareceram vestígios de cerâmica cardial no monumento da Bela Vista (?), Eira Pedrinha, Penha Verde e castro da Rotura (28). Em Portugal escasseia a cerâmica ornamentada segundo a técnica cardial, ao contrário do que acontece nas estações neolíticas do litoral mediterrânico da vizinha Espanha.

1. 5. *Raspadores*. — Como raspadores o homem pré-histórico eneolítico português utilizou por vezes valvas de *Pecten maximus*. Estas aparecem, acusando acentuado desgaste, nas grutas artificiais do Casal do Pardo (Palmela), necrópole do Cabeço da Arruda e castro da Rotura.

1. 6. *Instrumentos de troca e permuta ou de contagem durante as transacções*. — Surgiram dezenas de rodelas feitas de valvas de *Cardium echinatum* na gruta da Cova da Moura. «Esta espécie de pequenos discos devia servir, segundo supomos, de instrumentos de troca e permutas ou de contagem durante as transacções de uns povos com outros e, por conseguinte, poderiam constituir uma rudimentar forma de moeda» (3).

1. 7. *Extracção da púrpura*. — Em estações eneolíticas portuguesas foram assinaladas as seguintes espécies de moluscos purpurinos: *Púrpura haemastoma* [Cova da Moura, Liceia (V. FERREIRA) Poço Velho e Porto Covo],

*Purpura lapillus* (Mamoá de Carreço) *Purpura* sp. (Parede),  
*Murex brandaris* (Rotura) e *Murex trunculus* (Rotura).

Do trabalho de O. DA VEIGA FERREIRA «Acerca da presença de *Purpura haemastoma* e *Purpura lapillus* LINNÉ nas estações pré-históricas portuguesas» transcrevemos as seguintes passagens com interesse para o nosso estudo: «É evidente que noutras estações conhecidas deve ter aparecido também o molusco da *Purpura*, mas por vezes nas antigas escavações não se recolhia tudo quanto aparecia, como já tenho tido ocasião de verificar. Outra circunstância que pode ter influído para o não aparecimento de conchas ou quaisquer outros restos calcários em determinadas estações arqueológicas, reside na acidez do terreno onde tais estações tinham sido implantadas».

«Parece-nos, pois, que o aparecimento nas nossas estações pré-históricas destes moluscos (da família *Muricidae*) deverá demonstrar terem sido empregados nesses tempos para deles se extrair a célebre tinta púrpura, que mais tarde constituiria uma das riquezas do comércio fenício, em plena Idade do Ferro, ou mesmo ainda na Idade do Bronze, e não como alimento, segundo tem sido aceite até agora, pelo menos entre nós».

## 2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

As estações eneolíticas (e neo-eneolíticas) portuguesas com moluscos marinhos distribuem-se por quase todas as províncias metropolitanas, surgindo não só na faixa litoral onde a sua densidade é grande, como também no interior (Casal do Penedo na Beira Alta; Alcarapinha e Escoural situadas em pleno Alto Alentejo; e Ferreira do Alentejo no interior do Baixo Alentejo). Assim, podemos dizer que os moluscos marinhos, tal como outros materiais, ajudam a mostrar a actividade comercial dos povos durante esse recuado período.

## 3. RESUMO E CONCLUSÕES

Um dos interesses do estudo dos moluscos, assim como de outros restos de fauna das estações pré-históricas, reside no facto de estes testemunhos darem possibilidade ao arqueólogo de chegar a conclusões sobre o

clima das diferentes épocas. Assim, por exemplo, a presença de pinças de *Gelasimus tangeri* (crustáceo que se encontra actualmente sobre as costas meridionais de Portugal e no Norte de África) no jazigo mesolítico de Moita do Sebastião (Muge) permitiu concluir que a temperatura das águas era um pouco mais elevada do que a dos nossos dias (26).

No que se refere ao Eneolítico em Portugal, parece difícil estabelecer ilações do mesmo teor a partir da fauna malacológica anteriormente estudada.

Resumindo, citámos 49 estações portuguesas consideradas do Eneolítico (ou do Neo-Eneolítico) que forneceram fauna malacológica. Estas jazidas são de diversos tipos (povoados, grutas naturais, grutas artificiais, monumentos funerários) e distribuem-se por grande parte do Continente, surgindo quer no litoral quer no interior. As formas malacológicas referidas (nem sempre identificadas especificamente), atingem na sua totalidade o número de 64, sendo quase todas marinhas e distribuindo-se por 37 géneros englobados em três classes.

Verificou-se que os povos eneolíticos que viveram no território português utilizaram largamente os moluscos. Estes foram grandemente aplicados na alimentação, mormente as espécies *Tapes decussatus*, *Solen vagina*, *Mytilus edulis* e *Cardium edule*. Usaram-nos ainda como adornos, recipientes, raspadores (?), moeda (?), na extracção da púrpura e na ornamentação da cerâmica.

Pela marcada importância que os moluscos desempenharam na vida do homem pré-histórico, e pelas conclusões sobre as condições climáticas das épocas da Pré-história que se podem tirar a partir do seu estudo, devem os investigadores portugueses ter sempre o cuidado de proceder ao exame de todos os restos de fauna malacológica surgidos nas jazidas que exploram.

#### APÊNDICE

Após a redacção deste estudo, foi-nos dado ler o trabalho de L. RIBEIRO, G. ZBYSZEWSKI e O. DA VEIGA FERREIRA intitulado «Estatueta de *terra cota* de Comporta. Setúbal» (*Arquivo de Beja*, vol. XXII, 1965), no qual é publicado um grupo de três estações (Barrosinha, Pos-

sanco e Celeiro Velho) considerado do Neo-eneolítico, que forneceu abundante fauna malacológica.

BARROSINHA: («espécie de concheiro com cerâmica»): *Murex trunculus*, *Cerithium vulgatum*, *Oliva* sp., *Pisania* sp., *Gibula* sp., *Helix* sp., *Cythereae* sp., *Cardium edule*, *Tapes decussatus*, *Scrobicularia plana* e outras formas não identificadas.

POSSANCO: *Pecten maximus*, *Cardium edule*, *Scrobicularia plana*, *Tapes decussatus*, *Ostrea edulis*, *Mytilus edulis* e outras formas não identificadas.

CELEIRO VELHO: *Littorina littorea*, *Pecten maximus*, *Cardium edule*, *Tapes decussatus*, *Scrobicularia plana*, *Mytilus* sp. e outras formas não identificadas.

#### BIBLIOGRAFIA

(1) ALVES PEREIRA, F. (1914-1915) — *Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)*. O Archeologo Português, vols. XXI e XXII. Lisboa.

(2) APOLINÁRIO, M. (1897) — *Grutas do Furadouro*, O Archeologo Português, vol. III. Lisboa.

(3) BELO, R. TRINDADE, L. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1961) — *Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras)*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XLV. Lisboa.

(4) CAMARATE FRANÇA, J. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1958) — *Estação pré-histórica da Samarra (Sintra)*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XXXIX. Lisboa.

(5) CUNHA SERRÃO, E. DA (1959) — *Cerâmica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra)*, Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia. Lisboa.

(6) CUNHA SERRÃO, E. DA e PRESCOTT VICENTE, E. (1958) — *O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XXXIX. Lisboa.

(7) DELGADO, N. (1901) — *Notice sur les grottes de Carvalho de Aljubarrota (Portugal)*.

(8) FONTES, J. (1955) — *Estação eneolítica de Liceia (Barcarena)*, Revista de Guimarães, vol. LXV. Guimarães.

(9) FREIRE, B. (1939) — *Peixes, Moluscos e Crustáceos na alimentação e sua inspecção sanitária*. Porto.

(10) JALHAY, E. PAÇO, A. DO, e RIBEIRO, L. (1944) — *Estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto)*, Boletim Cultural e Estatístico da Camara Municipal de Lisboa, 20 e 21. Lisboa.

- (11) LEISNER, V., ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1961) — *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme*, memória n.º 8 (N. S.) dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- (12) MARQUES DA COSTA, A. I. (1904) — *As estações pré-históricas dos arredores de Setúbal*, sep. de O Archeologo Português. Lisboa.
- (13) NOBRE, A. (1938) — *Fauna malacológica de Portugal. I. Moluscos marinhos e das águas salobras*. Porto.
- (14) — (1941) — *Fauna malacológica de Portugal. II. Moluscos terrestres e fluviais*. Coimbra.
- (15) PAÇO, A. DO (1941) — *As grutas do Poço Velho ou de Cascais*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XXII. Lisboa.
- (16) — (1955) — *Necrópole da Alapraia*, Anais da Academia Portuguesa de História, vol. VI, s. II. Lisboa.
- (17) PAÇO, A. DO e VAULTIER, M. (1942) — *A gruta de Porto-Covo*, Congresso Luso-Espanhol para o Progresso da Ciência. Porto.
- (18) PAÇO, A. DO e JALHAY, E. (1943) — *A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 6.ª campanha* — 1942, *Bro-téria*, vol. XXXVII. Lisboa.
- (19) PAÇO, A. DO e COSTA ARTHUR, M. DE L. (1952) — *Castro de Vila Nova de S. Pedro. 15.º campanha de escavações. 1951*, *Bro-téria*, vol. LIV. Lisboa.
- (20) PAÇO, A. DO, CUNHA SERRÃO, E. DA e PRESCOTT VICENTE, E. (1957) — *Estação eneolítica da Parede (Cascais). Reconhecimento de 1955*. Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, t. VIII. Coimbra.
- (21) PAÇO, A. DO, BÁRTHOLO, M. DE L. e BRANDÃO, A. (1959) — *Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais*, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Lisboa.
- (22) PAÇO, A. DO, LEISNER, V., TRINDADE, L., SCHUBART, e VEIGA FERREIRA, O. DA (1964) — *Castro do Zambujal (Torres Vedras)*, *Boletim da Junta Distrital de Lisboa*, n.ºs 61-62, II série. Lisboa.
- (23) PEREIRA DE MELLO, O. A., FORTUNA, V., CAMARATE FRANÇA, J., VEIGA FERREIRA, O. DA e ROCHE, J. (1961) — *O monumento pré-histórico da Bela Vista (Colares)*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XLV. Lisboa.
- (24) PRESCOTT VICENTE, E. e CUNHA SERRÃO, E. DA (1958) — *Estação eneolítica da Parede. Notícia do seu achado*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVI, fasc. 1-2. Porto.
- (25) RIBEIRO, C. (1878 e 1880) — *Estudos pré-históricos em Portugal*, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa.
- (26) ROCHE, J. (1960) — *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião (Muge — Portugal)*, Instituto de Alta Cultura. Lisboa.
- (27) ROCHE, J., VEIGA FERREIRA, O. DA e ZBYSZEWSKI, G. (1959) — *Deux stations pré-historiques des environs de Lisbonne: Vila Pouca e Pinhal da Charneca*, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I. Lisboa.

- (28) SANTOS GONÇALVES, V. DOS (1965) — *O castro pré-histórico da Rotura — Setúbal*, IV Colóquio Portuense de Arqueologia. Porto.
- (29) SANTOS ROCHA (1908) — *Fases do neolítico em Portugal*, O Archeologo Português, vol. XIII. Lisboa.
- (30) TAVARES DA SILVA, C. (1963) — *Fauna malacológica do castro da Rotura*, Publicações da Tertúlia Cultura, Ciência e Saber. Setúbal.
- (31) — (1965) — *Descoberta de três novas estações arqueológicas na região de Setúbal*, O Setubalense, n.º 3378. Setúbal.
- (32) TAVARES DA SILVA, C. e GONÇALVES CABRITA, M. (1965) — *Estação arqueológica do Pedrão (Setúbal)*, Centro de Estudos Científicos da A. E. da Faculdade de Ciências de Lisboa.
- (33) TEIXEIRA, C. (1949) — *A jazida pré-histórica da Eira Pedrinha (Condeixa)*, Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- (34) TRINDADE, L. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1955) — *A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras)*, Anais da Faculdade de Ciências do Porto, vol. XXX, fasc. 3. Porto.
- (35) — (1963) — *Sepultura pré-histórica da Serra da Vila (Torres Vedras)*, Revista de Guimarães, vol. LXXIII, n.ºs 1-2. Guimarães.
- (36) VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G. (1951) — *Le dolmen de Casal do Penedo (Verdelha dos Ruivos)*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. XIII, fasc. 1-2. Porto.
- (37) VAULTIER, M., ROCHE, J. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1959) — *Novas escavações na gruta da Ponte da Lage (Oeiras)*, Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, vol. I. Lisboa.
- (38) VEIGA FERREIRA, O. DA (1953) — *O monumento pré-histórico de Aguvalva (Cacém)*, Revista Zephyrus, vol. IV. Salamanca.
- (39) — (1954) — *Faune malacologique. Crustacés et Poissons. Muge (Moita do Sebastião)*, C. R. IV Congresso Internacional de Ciências Prehistoricas y Protohistoricas. Madrid.
- (40) — (1958) — *Acerca da presença de Purpura haemastoma e Purpura lapillus LINNÉ nas estações pré-históricas portuguesas*, Revista de Guimarães, vol. LXVIII. Guimarães.
- (41) — (1963) — *Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos*, Boletim da Junta Distrital de Lisboa, LIX, II série. Lisboa.
- (42) — (1965) — *La culture du Vase Campaniforme au Portugal*, Thèse pour le grade de Docteur de l'Université de Paris, Faculté des Sciences. Paris.
- (43) VIANA, A. (1953) — *O monumento megalítico da Folha da Amendeira (Odivelas do Alentejo)*, Zephyrus, IV. Salamanca.
- (44) VIANA, A. VEIGA FERREIRA, O. DA e FORMOSINHO, J. (1950) — *Necropolis de las Caldas de Monchique*. Madrid.
- (45) VIANA A. e DIAS DE DEUS, A. (1956-57) — *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas*, Trabalhos de Antropologia e Etnologia, vol. XV, 3-4, n. s.. Porto.
- (46) ZBYSZEWSKI, G. e VEIGA FERREIRA, O. DA (1958) — *Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)*, Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal, t. XXIX. Lisboa.